

ENTREVISTA

Lucílio Manjate: um autêntico representante da nova geração de escritores moçambicanos

Maiane Pires Tigre *

Resumo: Lucílio Manjate, escritor, professor e pesquisador moçambicano é um dos representantes mais autênticos da recente safra de autores contemporâneos. Nesta entrevista, situa a nova geração no quadro da literatura moçambicana, além de demonstrar explicar a substancial presença de algumas marcas de tradição, transição e ruptura em relação aos nomes já consagrados da literatura de Moçambique, apontando-se, assim, os aspectos fundamentais da prosa contemporânea desse país. Apresenta-nos, também, os autores da nova geração que começam a trilhar o seu percurso de internacionalização, são os casos de Mbate Pedro, Clemente Bata, Lica Sebastião, Aurélio Furdela, Hélder Faife, Rogério Manjate, Hirondina Joshua, Pedro Pereira Lopes, Sangare Okapi, Lucílio Manjate, entre outros. Ademais, situa o importante legado de Aldino Muianga para a construção de gramática do subúrbio de Lourenço Marques e Maputo que, naturalmente, influenciou a nova geração de prosadores moçambicanos permitindo aos mais jovens escritores se apropriarem da realidade e do imaginário suburbano com uma autoridade também inquestionável. Por conseguinte, expõe-nos um breve catálogo de obras e pesquisadores que efetuaram uma cartografia literária da literatura moçambicana, a exemplo de Francisco Noa, Ana Mafalda Leite, além, é claro, do próprio Lucílio, que enquanto teórico, chama para si esta tarefa de ampliar o tema, possuía uma fortuna crítica sobre a recente seara de autores. Vale enfatizar ainda a significativa produção do jornalismo cultural identificada pelos jornalistas José dos Remédios, Elton Pila e Leonel Matusse.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana, Narrativa contemporânea, Crítica literária.

Introdução

O escritor Lucílio Manjate é autor de *Manifesto* (TDM, 2006), *Os silêncios do narrador* (AEMO, 2010), *O contador de palavras* (Alcance, 2012), *A legítima dor da Dona Sebastião* (Alcance, 2013), *O jovem caçador e a velha dentuça* (Kapulana, 2016), *Geração XXI: Notas sobre a nova geração de escritores moçambicanos* (Alcance, 2018), *Rabha* (Alcance, 2019; Kapulana, 2022), *A triste história de Barcolino: o homem que não sabia morrer* (Kapulana, 2017; Cavalo do Mar, 2018), *Zua e Mwêdzi vão à caça das palavras* (Alcance, 2018), coautor do livro *Literatura Moçambicana: Da Ameaça do Esquecimento à Urgência do Resgate* (Alcance, 2015), co-organizador da *Antologia Inédita: Outras Vozes de Moçambique* (Alcance, 2014) e organizador de *O rosto e o tempo: antologia poética comemorativa dos 35 anos de vida literária de Armando Artur* (Alcance, 2021). Graduado em Linguística/Literatura e Mestre em Filosofia. Docente de literatura na Universidade Eduardo Mondlane.

* Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações (UESC). Bolsista FAPESP. Membro do Grupo de Pesquisa GpAFRO: Literatura, História e Encruzilhadas epistemológicas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2240-325X>. E-mail: maiane.tigre@hotmail.com.

Por ocasião do *III SIMPOAFRO - Simpósio de Literaturas Africanas e Afro-brasileira: Encruzilhadas Epistemológicas*, nesta edição com o tema “*Interseccionalidade e Culturas de Fronteira*”, promovido pelo Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas, com o apoio do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões (CEPHS/UESC), realizado em novembro de 2020, o autor deu a seguinte entrevista para Maiane Pires Tigre, pesquisadora do Grupo e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações.

Maiane Tigre - As novas vozes da literatura moçambicana possuem projetos literários que conservam marcas da tradição, ao mesmo tempo podem reconhecer-se evidências de transição e ruptura em relação aos nomes já consagrados da literatura de Moçambique? Quais os autores e as respectivas obras mais celebradas dentro e fora de Moçambique nos últimos anos e que são representativas da tradição, continuidade e ruptura?

Lucílio Manjate - *Não posso afirmar que já existam obras da nova geração celebradas fora de Moçambique, porque não tenho esse dado, essa informação. Aqui, falo do ponto de vista da investigação. Mas posso apontar nomes cujas obras, de uma forma geral, evidenciam uma continuidade no tratamento de temas e formas tradicionais na literatura moçambicana. São autores que começam a trilhar o seu caminho de internacionalização, no sentido de se exporem a um mercado editorial que se pretende global. Digo que se pretende, pois, outro muro que teremos de transpor é o da língua. Estes autores são publicados, sobretudo, em Portugal e no Brasil. E mesmo quando aparecem em outros circuitos literários, em que a língua não é ou não é apenas o Português, aparecem chancelados sobretudo por Portugal, através do Instituto Camões. Precisamos de um projeto de tradução ao nível da CPLP, se quisermos, de modo que os nossos autores possam mostrar o que têm de melhor e, sobretudo, demonstrar que as nossas literaturas têm a qualidade necessária para ombrear com as literaturas mais difundidas. Bem, mas falávamos então dos autores da nova geração que começam a trilhar o seu percurso de internacionalização. São os casos de Mbate Pedro, Clemente Bata, Lica Sebastião, Aurélio Furdela, Hélder Faife, Rogério Manjate, Hirondina Joshua, Pedro Pereira Lopes, Sangare Okapi, Lucílio Manjate.*

Maiane Tigre - Aldino Muianga pode ser considerado um escritor de transição entre dois momentos específicos da produção literária moçambicana, da Geração Charrua até a Geração XXI, que tem em Rogério Manjate e Lucílio Manjate seus nomes principais e, aqui, portanto, representam uma nova proposta estética na literatura do país; Nesse sentido, explique a diferença e pontos de contato entre os autores acima elencados, em virtude de pertencerem a gerações distintas, apontando as peculiaridades de cada uma delas, bem como trace um paralelo entre as estratégias e manifestações da moçambicanidade adotadas na Geração Charrua e os novos contornos assumidos na nova geração de escritores.

Lucílio Manjate - *Tenho de começar por esclarecer o seguinte: Rogério Manjate e Lucílio Manjate não são os representantes da Geração Oásis. Podem ser considerados os representantes deste movimento nomes como Aurélio Furdela, Sangare Okapi, Chagas Levene. O Movimento Oásis tinha pouco mais de cinquenta membros, entre poetas, prosadores e artistas plásticos. Esses são os nomes, portanto, que, quanto a mim, mantêm uma produção assinalável como regular. Eu integraria o Rogério e o Lucílio neste grupo e chamaria a todos – como, aliás, chamo – de Geração XXI, pois têm em comum o fato de começarem a publicar com o início do século (a poesia um pouco mais cedo,*

no último quinquênio do século passado, com Adelino Timóteo e Guita Jr.). Rogério Manjate, na prosa, inaugurou esse momento da Geração XXI. Aldino Muianga construiu de forma notável, ao longo da sua carreira, uma gramática do subúrbio de Lourenço Marques e Maputo que, naturalmente, influenciou a nova geração de prosadores moçambicanos ou que permitiu que estes melhor se apropriassem da realidade e do imaginário suburbano com uma autoridade também inquestionável. Um digno representante, na nova geração, dessa gramática que Aldino lega à literatura moçambicana é, sem dúvidas, Clemente Bata. Mas também percebemos, evidentemente, um Aldino na obra de Rogério Manjate, Hélder Faiife, Aurélio Furdela, Lucílio Manjate. Portanto, a imitação do subúrbio é comum a estes autores. Mas Rogério herda de Aldino sobretudo a técnica da ironia com que tece as tramas e as vivências suburbanas quase de forma fotográfica. Rogério Manjate conserva um certo lirismo na sua prosa, bem ao jeito de um Mia Couto, inclusive com a recriação vocabular que se reconhece em Mia. Aurélio Furdela trata as cenas suburbanas também com ironia, mas para produzir o cómico, o risível. Hélder Faiife usa-se também da ironia sobretudo para reproduzir uma realidade focada na agudeza dos dramas sociais. Lucílio Manjate há de tratar o subúrbio sobretudo fascinado pela revisitação da história (colonial). A relação entre Aldino e a nova geração é um espelho do que se pode encontrar entre a Charrua e a Geração XXI: uma manutenção de formas e temas, como são os casos do recurso às estruturas narratológicas da narrativa de tradição oral ou o recurso ao tema da guerra ou à escatologia.

Maiane Tigre - Como fica a questão do pós-colonial, decolonial ou do descolonial nas narrativas moçambicanas contemporâneas?

Lucílio Manjate - *Não consigo, por enquanto, identificar um discurso descolonial na narrativa moçambicana contemporânea. Pelo menos não existe um programa nesse sentido e assumido do ponto de vista de uma geração. A nova geração está sobretudo preocupada com uma estética que suplante e assim faça dela a digna sucessora – embora se possa dizer que na literatura não há sucessões – da geração de oitenta, de Ungulani, Mia, Armando Artur, Paulina, Suleiman Cassamo, Eduardo White, Marcelo Panguana, Filimone Meigos. É uma geração preocupada sobretudo com o seu texto. O Ungulani fala insistentemente da preocupação que se deve ter com o texto, porque, no final de tudo, o que fica e fala é o texto. E sinto que é uma geração que não quer ressuscitar velhos fantasmas – se calhar é uma geração de escritores democratas, que procuram driblar as armadilhas da História colonial em nome de um destino individual. Bem, deste ponto de vista, se calhar se possa dizer dela que é uma geração que não assume o papel intelectual de vigia em relação aos destinos do país. Não é verdade. Os livros falam por si, e dizem-nos que é uma geração profundamente engajada. Neste sentido, vale a pena ler livros como O País do Medo, de Ruy Ligeiro, Minarete de Medos e Outros Poemas, de Mbate Pedro, Pátria que Me Pariu, de Celso Manguana, Sacos Vazios que Ficam de Pé, de Hélder Faiife, Nação Pária, de Adelino Timóteo, A Bíblia dos Pretos, de Midó das Dores, Rescaldo, de Guita Jr., De Medo Morreu o Susto, de Aurélio Furdela, Pneu em Chamas, de Jorge de Oliveira, A Legítima Dor da Dona Sebastião, de Lucílio Manjate. Nestes livros, os fantasmas da História são encontrados e exorcizados numa perspectiva local. Aqui reside, quanto a mim, uma grande diferença, já sentida em autores como Ungulani e Mia, mas que se calhar se alarga com a nova geração: a culpa do estado de coisas já não é apenas dos outros, mas nossa também; ou seja, o discurso da vitimização é visto com suspeição e muitas das vezes redefinido em nome dos supremos interesses da Nação, revelando, sobretudo uma geração desencantada com a forma como temos estado a conduzir o nosso destino coletivo.*

Maiane Tigre - Existe uma cartografia da literatura em Moçambique cobrindo o período que vai do pós-independência, percorrendo a geração Charrua até o momento, cuja geração segue identificada

como Geração XXI? No tocante à nova geração, a fortuna crítica constituída dos pesquisadores de renome tem dado atenção especial aos novos autores ou predomina um diapasão no âmbito dos estudos literários sobre o novo romance moçambicano? Cite alguma(s) obra(s) de pesquisadores publicadas sobre a nova geração.

Lucílio Manjate - *Sobre a Geração Charrua existem, sim, coisas escritas. Gilberto Matusse dedicou-se a ela em artigos publicados na Gazeta de Artes e Letras da revista Tempo já na década oitenta (a Charrua surge em 1984). Fátima Mendonça escreveu sobre a Charrua no livro Literatura Moçambicana – A história e as escritas. Mais recentemente, Maria-Benedita Basto revisitou a Charrua ao fazer um percurso à literatura moçambicana dos anos 80, contido no livro Moçambique: Das palavras escritas, organizado por Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses. Ana Mafalda Leite tem-se dedicado a estudar charrueiros como Eduardo White, Armando Artur, Ungulani Ba Ka Khosa. Enfim, estes são apenas alguns exemplos, pois muitos críticos e estudiosos da literatura moçambicana teceram considerações sobre a geração de Ungulani. Imagine-se apenas que não é possível percorrer os últimos 30 anos da literatura moçambicana sem falar da Charrua. A minha monografia de graduação tratou justamente desta geração: Geração Charrua: dos antecedentes à consagração (1975-1994). Em relação à nova geração, é preciso dizer que, dos estudiosos de literatura moçambicana consagrados, Ana Mafalda Leite, com o livro Ensaios Tóricos & Estudos sobre Literatura Moçambicana, e Francisco Noa, com os livros Uns e Outros na Literatura Moçambicana e Perto do Fragmento, A Totalidade – Olhares sobre a literatura e o mundo, destacam-se na atenção que têm dedicado a esta geração. Preocupado com a produção da minha geração, também escrevi o livro Geração XXI – Notas sobre a nova geração de escritores moçambicanos. Mas gostaria também de destacar a produção do jornalismo cultural que tem dedicado especial atenção a esta geração, trazendo à memória os dourados anos 80, em que as artes no geral estavam num dos seus melhores momentos. E os jornalistas culturais responsáveis, hoje, por esse saudosismo são José dos Remédios, Elton Pila e Leonel Matusse. Mas outros os antecederam e seguramente foi através desses que os três aprenderam a inventar novos atalhos, casos de Alexandre Chauíque, Francisco Manjate e Gil Filipe.*

Maiane Tigre - A morte é uma personagem presente ao longo das gerações de escritores moçambicanos que ganha força na geração Charrua através de Suleiman Cassamo, Aldino Muianga entre outros e se renova na Geração XXI?

Lucílio Manjate - *A morte é um tema recorrente na literatura moçambicana e justifica-se pelos dramas sociais que Moçambique viveu antes e vive depois da independência. Ela está no percurso de luta pela independência (1975), está na crise financeira que o país enfrentou depois da independência e na guerra dos 16 anos, que culminaram com os Acordos Gerais de Paz (1992); a morte está nos conflitos políticos militares que eclodiram em 2012 no país e agora nas ações do terrorismo em Cabo Delgado. Neste sentido, ela é uma personagem, um vilão que ameaça o futuro do meu país.*

Maiane Tigre - Barcolino (morto-vivo?!) seria a representação máxima do povo moçambicano mergulhado em um ambiente de extrema morte social agudizada pelas consequências da guerra civil e da ausência de uma independência econômica, política e social? Sabe-se que o Realismo Animista é uma forte tendência da Literatura Moçambicana. Desse modo, como se dá a presença do insólito em A Triste História de Barcolino: o homem que não sabia morrer? Por que você optou pelo gênero novela e não romance para escrever esta obra?

Lucílio Manjate - *No sentido da resposta anterior, sim, o meu país é o Barcolino. O jornalista Alexandre Chaúque, de que aliás já falei, diria que vivemos de morte-em-morte. Pois é, tal como Barcolino, Moçambique vive e morre sucessivas vezes. Alicercei, sem o saber, a novela no mito do eterno retorno. Não imaginava que estava a conversar com essa formulação de Nietzsche, e logo descobri que Barcolino dialogava com personagens como Cornejo Breille, do cubano Alejo Carpentier, de *O Reino deste Mundo*, com o Quincas do Jorge Amado, em *A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua*, o Prudêncio Aguilar, do colombiano García Márquez, em *Cem Anos de Solidão*; enfim, com as personagens de Juan Rulfo, em *Pedro Páramo*, ou com as de José Saramago em *As Intermittências da Morte*. Lembrei-me inclusive que em Angola há um Kuduro que se chama «Coveiro Filipado», onde um defunto sai do caixão nas suas exéquias. Então percebi que é um mito profundamente humano. Há em Moçambique, como noutros cantos do mundo, esta crença na gente que retorna ou que não se sabe muito bem se foi para a morte. Se calhar o mundo todo é que vive de morte-em-morte. Se calhar sempre foi assim. A aposta na novela não foi premeditada, deixei apenas que a história assumisse a forma que melhor a pudesse incorporar. A Virgília Ferrão, escritora moçambicana a apostar no género policial, escreveu uma bonita nota crítica ao livro e disse, digamos, que esperava um voo para o romance. Eu acabava de escrever *Rabhia* e não tinha fôlego para outro romance, confesso. Mas Barcolino não me parece uma história para grandes voos. Jorge Luís Borges diz que há livros que são puros soluços. É mais ou menos assim que olho para o Barcolino, com o perdão da presunção. Aliás, senti exatamente isso quando li o *Quincas de Jorge Amado*, que a Rosana Weg, minha editora brasileira, ofereceu-me em 2017, no meu regresso do Flipocos, em Poços de Caldas. O *Quincas* é um verdadeiro soluço!*

Maiane Tigre - Caracterizadas pela recusa aos padrões estetizantes e literários, as prostitutas são vistas meramente como figuras performáticas da ordem do desejo, da (des)ordem, do descentramento e da proliferante libertação no corpo enquanto deslocamento feminino para além dos limites fronteiriços do pensamento, cultura, sexualidade, raça e classe social. Desde o pós-independência até a geração Charrua, a prostituta ocupou espaços de extrema subalternidade, representando papéis secundários e estereotipados? Sendo assim, qual o lugar da prostituta negra na literatura moçambicana, considerando as gerações antecedentes: o dentro, o fora ou a transfronteira? E em relação à sua geração, *Rabhia* significa a descolonização de uma literatura com resquícios do patriarcalismo que coloca a puta para protagonizar a própria história sem querer colonizá-la ou reeducá-la? A frase “não há lágrimas para tantos heróis” se refere à *Rabhia*, heroína ou a anti-heroína de Moçambique?

Lucílio Manjate - *Pergunta muito difícil, Maiane. Confesso que nunca me dediquei a estudar a figura da prostituta. Sei que existem umas quantas prostitutas na literatura moçambicana, casos da Felisminina e da Hamina, criadas por José Craveirinha, a Zabela de Bento Siteo, a Meledina de Aldino, a Ana Deus-Queira de Mia, e muitas outras que desconheço e anónimas pelas páginas da literatura moçambicana. *Rabhia* é mais uma delas. Heroína como as outras o foram, mas através da qual pretendo projetar a minha imagem das nações africanas, que bem precisam de reaprender os ritos de iniciação para que não acabem na armadilha vergonhosa das relações internacionais. Para tal, a filosofia da glocalização é fundamental para um rito de reiniciação moçambicana.*

Maiane Tigre - Qual o grande mote utilizado pelas novas vozes literárias? Isto é, o que ficou depois da guerra de libertação e da guerra civil para ser tematizado? Na sua opinião, o novo romance moçambicano expressa as tensões e intersecções entre o local e o transnacional, ao mesmo tempo em que configura sentidos de resistência à hegemonia cultural eurocentrada ao colocar o cotidiano de Moçambique em evidência?

Lucílio Manjate - *O cotidiano de Moçambique esteve e continua a estar em evidência na literatura moçambicana. Como disse antes, não há um programa de resistência contra as potências mundiais, mas essa resistência pode ser sentida nos livros, como o pulsar do olhar atento dos escritores. E esse olhar chama atenção, primeiro, para o perigo da construção de hegemonias econômicas, políticas e educacionais internas. Esse olhar é um discurso do moçambicano para melhorar a sua própria condição. Nenhuma agressão econômica ou política nos enfraquece mais senão quando a sociedade não partilha dos mesmos valores e utopias. Os escritores da nova geração distanciam-se do discurso da vitimização exatamente porque entendem que nós devemos ser os primeiros actores de mudança. Que voltemos, por exemplo, a construir escolas: com salas de aulas, ginásios, teatros, piscinas, bibliotecas, lanchonetes, e não barracas para venda de bebidas alcoólicas, porque sabemos todos que das barracas não brotam, nem para as artes, nem para o desporto ou para a ciência os ícones que a muito custo deles Moçambique hoje se orgulha.*

Referência

MANJATE, Lucílio. **Interseccionalidade e Culturas de Fronteira**. In: III SIMPOAFRO - Simpósio de Literaturas Africanas e Afro-brasileira: Encruzilhadas Epistemológicas, 2020, Ilhéus. Entrevista concedida a Maiane Pires Tigre. Ilhéus, UESC, 2020.

Lucílio Manjate: an authentic representative of the new generation of mozambican writers

Abstract: Lucílio Manjate, Mozambican writer, professor and researcher is one of the most authentic representatives of the recent crop of contemporary authors. In this interview, the new generation is located in the framework of Mozambican literature, besides demonstrating the substantial presence of some brands of tradition, transition and rupture in relation to the names already established in the literature of Mozambique, thus pointing out the fundamental aspects of contemporary prose of this country. It also presents to us the authors of the new generation who begin to walk their path of internationalization, are the cases of Mbate Pedro, Clemente Bata, Lica Sebastião, Aurelio Furdela, Hélder Faife, Rogério Manjate, Hironcina Joshua, Pedro Pereira Lopes, Sangare Okapi, Lucílio Manjate, among others. Moreover, it situates the important legacy of Aldino Muianga for the construction of grammar in the suburb of Lourenço Marques and Maputo, which, of course, influenced the new generation of Mozambican proslers allowing younger writers to appropriate reality and suburban imaginary with an authority also unquestionable. Therefore, it exposes us a brief catalogue of works and researchers who performed a literary cartography of Mozambican literature, such as Francisco Noa, Ana Mafalda Leite, besides, of course, Lucílio himself, who, as a theoretician, calls for himself this task of expanding the theme, he had a critical fortune on the recent field of authors. It is also worth emphasizing the significant production of cultural journalism identified by journalists José dos Remédios, Elton Pila and Leonel Matusse.

Keywords: Mozambican Literature. Contemporary Narrative. Literary criticism.

Recebido em: 14/04/22 – Aceito em: 30/04/22